

## O NOVO CINEMA BRASILEIRO É TROPICALISTA (GLAUBER ROCHA, 1969)

Tradução e nota: Paula Regina Siega<sup>1</sup>

1922: “Semana da Arte Moderna”, em São Paulo. Um numeroso grupo de intelectuais grita contra a “colonização cultural”. Mostra de artes plásticas, artigos para a imprensa, manifestações teatrais com poesia e música.

Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti são pintores que mais tarde serão célebres; está presente o grande músico Villa Lobos, no início da sua carreira; entre os poetas e os escritores dois nomes são os verdadeiros “animadores” da “Semana de 1922”: Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Não se fala de Cinema.

A “Semana de 1922” é um escândalo: a cultura brasileira era uma imitação da arte “clássica europeia”.

Durante a “Semana” impõem-se na pintura as cores tropicais; na poesia, o “português” escrito segundo o modelo anglo-francês fica sujo, licencioso, pornográfico. Os índios e os negros são o tema dominante. A sátira impiedosa contra os valores da aristocracia se transforma em uma das características de Oswald e Mario de Andrade.

Depois da “Semana de 1922” pode-se dizer que nasce a verdadeira arte brasileira: Oswald de Andrade escreveu muitas peças de teatro e livros de poesia. Uma destas peças, “O rei da vela”, (encenada pela primeira vez em 1967 por José Celso Martinez) é a obra-prima do teatro brasileiro.

Depois da “Semana de 1922”, Mario de Andrade escreve poesias, obras teatrais e um romance que muda o modo de conceber a criação literária: “Macunaíma” ou “O herói sem nenhum caráter”. Macunaíma é a parábola de um verdadeiro brasileiro: filho de índios, nasce negro e em seguida fica branco. Não tem moral: é maligno, selvagem, sensual, ignorante, mas ao mesmo tempo muito inteligente; ele não usa a razão, improvisa,

---

<sup>1</sup> O presente ensaio foi publicado na Itália, na revista *Cineforum*, em setembro de 1969, ano em que se dava, mais forte, a guinada tropicalista do Cinema Novo, articulador de novas relações culturais e intelectuais que era útil explicar ao público especializado europeu.

Aproveitamos este espaço para esclarecer um equívoco: o volume *Revolução do Cinema Novo*, coletânea de artigos de Glauber Rocha, informa que o texto *Tropicalismo, antropologia, mito, ideograma* foi publicado originalmente como *Il nuovo cinema brasiliano è tropicalista*, em *Cineforum*, vol. 87, 1969. Na verdade, são dois artigos diferentes: o publicado em *Revolução do Cinema Novo* corresponde a: *Tropicalismo, antropofagia, mito, ideograma* (**Cineforum di Bergamo** – Dossier su Glauber Rocha, Bergamo, p. 12-13, novembro 1971); *Il nuovo cinema brasiliano è tropicalista*, em vez, é o texto aqui traduzido e, acreditamos, inédito para o público brasileiro.

Trabalho realizado com apoio do CNPq.

e assim constrói o próprio destino. Mas “Macunaíma” é sempre rebelde: desafia o poder das grandes cidades, é anárquico, cruel, antropófago.

Nenhum escritor tinha sabido revelar até então o inconsciente do homem brasileiro como Mario de Andrade. “Macunaíma” é uma revolução também no plano estilístico: Mario de Andrade integra os idiomas dos negros e dos índios em um novo português antidiscursivo e demonstrativo: Guimarães Rosa, o maior romancista brasileiro, será mais tarde influenciado pelo estilo de ruptura de “Macunaíma”.

Brasil, 1930: no Norte do País, muito longe de São Paulo, surge um novo movimento cultural: Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, escrevem as primeiras obras que o representam. Eles são muito diferentes dos anárquicos de São Paulo; mexem com política e falam dos camponeses, dos místicos, dos “cangaceiros”<sup>2</sup>, dos escravos negros, da luta de classes.

Escrevem segundo um estilo tradicional, mas são brutais. Neste momento, Gilberto Freyre fala de “luso tropicalismo”. (?)

Entre a violência satírica de Mario e Oswald de Andrade (que representam também a vanguarda estética) e os manifestos políticos de Jorge Amado, Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, existe uma identidade fundamental: o Sul (São Paulo) e o Norte (Pernambuco, Bahia) “vomitam” um Brasil complexo que busca a própria linguagem. A música de Villa Lobos é a sua síntese.

Em 1930 chega a Revolução capitaneada por Vargas; o secretário do partido Comunista, Luis Carlos Prestes, recusa-se a chefiar uma revolução “liberal-burguesa”. A revolução “liberal-burguesa” de Vargas se transformará mais tarde no “Estado Novo”, uma grande ditadura ligada a Hitler e a Mussolini.

Mais tarde Vargas entrará em guerra contra os nazifascistas. Depois da guerra ele é derrubado por um golpe de estado liberal apoiado por uma jovem voz comunista: a de Carlos Lacerda. Durante a ditadura de Vargas a censura paralisou a arte brasileira, voltaram os modelos acadêmicos.

Depois da queda da ditadura de Vargas o Brasil conheceu um longo período de “liberalismo”, interrompido em 1964 com a tomada de poder de Castello Branco. Neste período viu-se uma tragicômica sucessão de golpes de Estado: depois da Presidência de Dutra, Vargas retorna, eleito pelo povo e apoiado pelos comunistas: ficou nacionalista e anti-imperialista, organiza a classe operária, se aproxima da esquerda. Lacerda lidera uma

---

<sup>2</sup> Em português, no original.

agitação contra Vargas porque agora Lacerda é anticomunista: a agitação nacional culmina com um golpe de estado militar, Vargas se suicida deixando de herança ao povo uma carta revolucionária. Depois de outros golpes de estado e reações de leve entidade, chega Kubitscheck.

Kubitscheck é um rapaz nacionalista, permite a corrupção da direita e a agitação dos partidos de esquerda, e pede aos dois maiores arquitetos brasileiros, Lucio Costa e Oscar Niemayer, para construir Brasília. Brasília, cidade lunar em meio à selva, é o ponto de encontro entre os técnicos do Sul e os “candangos”<sup>3</sup> pobres do Norte. Brasília é construída em um clima democrático. O Brasil perde os seus complexos de inferioridade; o nacionalismo chauvinista é substituído pela autocrítica do subdesenvolvimento, o espírito revolucionário cresce e, em Brasília, seja branco, índio ou negro, vê-se ressurgir o herói de Mario de Andrade, *Macunaíma*. E o próprio Kubitscheck é *Macunaíma*.

Depois de Kubitscheck, *Macunaíma* continua no poder: o presidente Jânio Quadros, homem político “tropicalista” por excelência, dá uma medalha a Che Guevara, proíbe o biquine, conduz uma política externa voltada para o Terceiro Mundo, grita contra o imperialismo, recita Shakespeare nos corredores do Palácio Lunar, construído por Niemayer, e após sete meses de governo meio louco se demite sob “as pressões” de “forças ocultas” que nunca revelará. Vargas tinha deixado uma carta no momento do seu suicídio. [Jânio] Quadros deixa um bilhete com a sua demissão. Goulart, o filho predileto de Vargas, toma o poder. Ele é o “pai dos operários”, ama as mulheres bonitas, o Whisky, os cavalos, o gado, o “chimarrão”<sup>4</sup>, porque é um “gaúcho”. Mas ainda é “Macunaíma”. Com Goulart, ou “Jango”, como é chamado pelo povo, “*os operários, os estudantes, os camponeses estavam no poder*”. A agitação política cresce, o país encontra-se dominado pela “subversão e pela corrupção”, porque Jango, como Macunaíma, encontra-se sempre entre Deus e o Diabo.

Chegam os militares e expulsam Jango, a política dos trópicos repete sempre a mesma música. Mudam da literatura de [Jorge] Amado, de [Graciliano] Ramos. “Os Fuzis” e “Deus e o diabo na terra do sol”, como também “O dragão da maldade contra o santo guerreiro”, são filmes inspirados em [Jorge] Amado, em [Guimarães] Rosa; e Walter Lima Jr. Rodou um filme: “Menino de Engenho” a partir de um romance de José Lins do Rêgo.

---

<sup>3</sup> Em português no original.

<sup>4</sup> “chimarro” na grafia original.

O espírito “antropófago” de 1922 se reencontra agora no espírito “tropicalista”. O tropicalismo é o caráter próprio da gente hispânica e posso dizer que o primeiro tropicalista era Cervantes e o que o atual é Che Guevara.

Uma máxima tropicalista de Che é: “Hay que endurecer pero con ternura siempre”. Os filmes de Joaquim Pedro e de Carlos Diegues explicam profundamente o Brasil. Diegues com “Os herdeiros”, conta a história secreta do Brasil, de 1930 a 1969, e o seu filme foi proibido pela censura.

Joaquim Pedro com “Macunaíma” faz a psicanálise do povo brasileiro e graças ao seu *Macunaíma*, o filme foi liberado pela censura.

Para os críticos e para o público que viram algumas novidades no cinema brasileiro em 1964 com seus filmes sobre os negros, sobre os cangaceiros e sobre os camponeses – eu penso que os filmes de [Carlos] Diegues e de [Joaquim Pedro] de Andrade serão surpreendentes em relação ao próprio cinema brasileiro. Este ano em Berlim já foi apresentado “Brasil ano 2000” de Walter Lima Jr., um outro filme tropicalista.

Os últimos filmes de [Nelson Pereira] dos Santos “O alienista” e de Arnaldo Jabor, “Pindorama”, são também “tropicalistas”.

Com a nossa arte tropicalista (e não podemos esquecer os músicos Gil e [Caetano] Veloso, o diretor teatral [José Celso] Martinez, os “candomblés”<sup>5</sup> da Bahia, as Escolas de Samba do Rio, os camponeses miseráveis do Nordeste, os operários de São Paulo e a opressão) pensamos que o Brasil fique mais nacional e mais revolucionário. O nosso público ama mais a nossa arte tropicalista porque esta tem o poder de expressar tudo isso.

Como *Macunaíma*, nós não temos caráter, mas não queremos um modelo de caráter: para o desenvolvimento dos trópicos devemos tomar o nosso próprio destino e encontrar a nossa forma de civilização.

Com esta apresentação de “Macunaíma” e de “Os herdeiros” quero dizer ao público e aos críticos internacionais que nós agora nos sentimos iguais, mas também diferentes de vocês.

---

<sup>5</sup> Em português, no original.